

A LEGIBILIDADE E O FUNCIONAMENTO DO TEXTO DIDÁTICO:
uma análise de discurso contrastiva*

Paulo Otoni (Unicamp)

A análise que se segue é uma tentativa de mostrar que a legibilidade dos textos didáticos deve ser pensada no interior de uma dinâmica específica. Esta legibilidade só ocorrerá durante a leitura, isto é, na interação aluno/texto/professor em sala de aula. Quero dizer que estes textos foram produzidos levando em conta um tipo particular de leitura e conseqüentemente de leitor; daí eles terem um funcionamento comprometido com a instituição escolar que os caracteriza como um objeto especial de leitura para os alunos de 1º grau.

Para ressaltar as marcas textuais que regulam esta legibilidade e para melhor discuti-las, analisarei e compararei o funcionamento de textos didáticos de 1º grau brasileiros (5ª e 8ª séries) e franceses (6ª e 3ª) de duas disciplinas: geografia (5ª e 6ª): "As estações do ano" e "Les Saisons"; história (8ª e 3ª): "A Grande Guerra" e "La Première Guerre Mondiale".

Utilizarei, para cada disciplina, dois outros textos que servirão de apoio, explicitando e complementando certos dados interessantes da análise: Geografia (7ª e 4ª): "As Cidades" e "La Région Urbaine de Londres"; História (5ª e 6ª): "Aprenda a Contar o Tempo" e "En Remontant le Temps".

Os textos brasileiros foram extraídos dos livros mais baratos e conseqüentemente os mais vendidos; e todos estão "de acordo com os novos guias curriculares do Estado de São Paulo". Já os textos franceses são de livros utilizados no Liceu Pasteur de São Paulo e que são os mesmos utilizados na França, por corresponderem aos currículos franceses. A questão dos preços não se coloca na França, pois as diferenças sócio-econômicas não se refletem diretamente na compra desses livros, como ocorre aqui. Em muitas escolas francesas os livros escolares são distribuídos gratuitamente.

A análise tem caráter especulativo e só é válida para este corpus. Por enquanto, não seria possível generalizá-la para chegar a uma análise geral de discurso do 1º grau de Geografia e História, ou seja, não pretendo fazer uma análise dis-

* Esta questão está desenvolvida de modo mais amplo e detalhado no trabalho TEXTO, DISCURSO E LEITURA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA - aprender a ler em francês no 1º grau. Coleção TESES, Editora da Unicamp, 1985.

cursiva dessas disciplinas como um todo mas mostrar, através dos textos, certas características do seu funcionamento.

1. As Constantes da Análise

Para realizar esta análise, tive que distinguir, fundamentalmente, quatro níveis de análise que vão desde a observação dos aspectos visuais aos linguísticos do texto. Observarei, assim, a organização textual, a organização e a progressão do domínio temático, as operações discursivas e os fatos que derivam da relação do enunciado com a enunciação. Todos esses quatro níveis têm estreitas ligações entre si, e é só através de seu conjunto que podemos perceber o funcionamento do Texto.

a) A Organização Textual

Com relação à organização textual, dois pontos serão destacados: o primeiro é verificar de onde os textos foram retirados, isto é, de que capítulo, parte ou sub-parte do capítulo; o segundo está relacionado à sua apresentação que tem, a meu ver, uma importância fundamental na legibilidade do texto.

A análise girará em torno de dois aspectos complementares. Primeiro, estou partindo de uma concepção do "Texto como imagem" desenvolvida por Moirand (p. 40-51) que considera que a "imagem global do Texto", isto é, todos os aspectos visuais que compõem o texto têm significados que devem ser analisados e observados. O segundo é a relação do linguístico com o icônico, ou seja, a relação dos aspectos linguísticos que dão sentido ao texto com os outros aspectos significativos que são veiculados por elementos não linguísticos. Por isso terei que fazer algumas distinções de modo mais preciso. O texto (em maiúsculo) é o objeto de nossa análise, é o todo que está sendo analisado, e que se divide em três partes: 1) O texto, que é o corpo do Texto, o linguístico, o texto contínuo; 2) O paratexto, que é constituído dos elementos linguísticos, que não fazem parte do texto, mas estão situados paralelamente, por exemplo, os títulos de partes, sub-partes, parágrafos, capítulos; as notas; as referências bibliográficas; definições e explicações colocadas à margem, etc. 3) O cotexto, que é o elemento não linguístico; por exemplo os quadros, esquemas, figuras, fotos, etc.¹ Essa distinção não é puramente formal. A organização textual mais imediatamente perceptível tem uma incidência importante a nível da legibilidade do texto.

b) A Organização e a Progressão do domínio temático

Verificarei, nesta parte, qual é a organização do domínio temático e como se dá sua progressão no texto. A relação entre a organização e a progressão temática é fundamental para a coesão textual. Observarei também a articulação do texto, através dos conceitos de base e da sua progressão com o icônico (o paratexto e o co-

texto). Pretendo, assim, verificar qual a importância dessa articulação e sua relação com o tema.

A ligação desta parte com a anterior se dá, por exemplo, pelo fato de que, nos textos didáticos que analisarei, os conceitos de base são, na maioria das vezes, ressaltados, de algum modo, iconograficamente (tipografia, caracteres em negrito, etc.).

c) Operações discursivas dominantes

As duas partes anteriores - a organização textual e a organização e a progressão do domínio temático - não são suficientes para desvendar o funcionamento discursivo. Nesta terceira parte pretendo observar e diferenciar as principais operações discursivas que estão, a meu ver, mais diretamente ligadas aos textos didáticos. As operações mais importantes são as seguintes: definir, analisar, classificar, descrever e ilustrar. A noção de operação discursiva, que está perto da do ato da fala, foi proposta por Beacco/Darot (77, p. 22) e visa a dar conta das "intenções de comunicação" do enunciador nos textos didáticos.

Nos textos que analisarei, há problemas em precisar algumas dessas operações. Em muitos casos, elas são enunciadas mas não chegam a se completar. Isso leva desde a uma dificuldade muito grande de compreensão de alguns textos, até à sua própria ilegibilidade.

d) Fatos que derivam da relação do enunciado com a enunciação

No que se refere à observação da relação enunciado/enunciação achei necessário apoiar-me no trabalho de Dubois e Orlandi. Segundo Dubois, essa relação é definida a partir do texto realizado pelo enunciador e pode ser percebida através de certas marcas presentes no enunciado. Para identificá-las, ele distingue quatro conceitos: distância, modalização, tensão e transparência/opacidade. Esses quatro conceitos são retomados por Orlandi (p. 195) que os resume da seguinte forma:

distância (a atitude do sujeito falante face ao seu enunciado); modalização (a adesão, a marca que o sujeito dá a seu enunciado); tensão (relação estabelecida entre o sujeito e o interlocutor); transparência (maior ou menor transparência do sujeito da enunciação, do locutor, sobre o receptor).

A análise do texto, do enunciado, onde identificarei esses quatro aspectos, será observada a partir dos seguintes fenômenos: asserção/interrogação; indicativo/imperativo/subjuntivo; sistema de pronomes; indicadores da dêixis; sistema de perguntas e respostas (observando a relação de interlocução representada no texto); expressão da temporalidade, etc.

2. A Análise

2.1. Geografia

a) Organização Textual

O texto GP1² (anexo 1) - As Estações do Ano - é a quinta parte do capítulo: "Vivemos num mundo redondo". O GP1 (anexo 2) - Les Saisons - é a segunda e última parte do capítulo "Chaleurs et Saisons".

A organização visual de GP1 é composta de um texto e mais quatro ilustrações que formam o cotexto e o paratexto. Essas quatro ilustrações representam as estações do ano, e formam um todo com os quatro parágrafos centrais.

Cada ilustração é composta de dois elementos: um "personagem" representando cada estação do ano de modo estereotipado e, do seu lado direito ou esquerdo, um quadrado onde temos a data do início da estação, o desenho de um globo terrestre, em tons diferentes para mostrar a diferença entre o hemisfério norte e o sul, e, abaixo, o nome da estação do ano correspondente. Os textos de cada parágrafo não são iguais, mas certos dados aparecem em todos eles: a data do início da estação e o nome da estação em negrito. Esses dois dados, como vimos, estão também nos quadros ao lado.

Dada essa parte central, deduzimos duas outras: a primeira composta dos três parágrafos iniciais, e a última, do parágrafo final.

Em GP1 temos uma apresentação visual bem diferente da anterior: Um título, um tópico geral, Les Saisons, dividido em duas partes, dois sub-tópicos: 1. L'inegalité des jours et des nuits - composto de dois parágrafos e 2. Solstices et équinoxes - com cinco parágrafos. Faz parte da composição visual dessa página uma coluna, à direita do texto, onde temos o paratexto que é composto de definições, explicações, referentes aos quadros e gráficos, e o cotexto que são os quadros e gráficos. Na outra página, temos dois documentos sobre os quais se faz referência no texto; o primeiro é Le mouvement de la terre au tour du Soleil, isto é, uma representação gráfica do globo terrestre das quatro estações durante o ano; o segundo é uma fotografia do Lever du Soleil à l'équinoxe de printemps (Paris vu depuis St. Cloud), com uma explicação.

Com relação às duas partes do texto, há certas palavras em negrito que ressaltam de modo bem marcante os temas que estão sendo desenvolvidos em cada parágrafo.

O texto, o paratexto e o cotexto articulam-se dando uma aparência mais organizada ao Texto, enquanto que, em GP1, apesar de haver uma relação do texto com o paratexto o cotexto, podemos dizer que esta é mais difícil de ser percebida, porque além do tópico geral - as estações do ano - não há divisões ou sub-tópicos que chamem a atenção do leitor. O que indica a mudança de tópico são certas palavras em negrito e a mudança de parágrafo. Desse modo, a imagem global é mais linear, não há uma organização sistemática prevista para o texto. As ilustrações do verão e inverno estão

colocadas sozinhas à direita da página, enquanto que a da primavera e a do outono estão à esquerda intercaladas com o texto.

b) A Organização e a progressão do domínio temático

Com relação à progressão interna do tema, tanto GP1 como GF1 parecem manter uma certa ligação com a sua apresentação. Em GP1 não existe uma organização interna do texto que propicie uma hierarquização das informações. Encontramos, como já disse, uma divisão em parágrafos e em sub-partes onde não se colocam sub-títulos, o que dificulta para o leitor a retenção do conteúdo. Isto se deve ao fato de que esta divisão não se articula significativamente, resultando numa falta de complementaridade entre texto, paratexto e cotexto.

No GF1 temos algo bem diferente: a própria divisão em duas partes mantém uma relação mais homogênea com o conteúdo do capítulo, do mesmo modo que o texto, o paratexto e o cotexto se complementam e se justificam através do conteúdo.

Esta integração do GF1 mais compacta entre as partes facilita ao leitor um acesso às informações, aos conteúdos, de modo mais preciso, enquanto que, em GP1, as informações não só são menos precisas e menos técnicas, como estas são dadas sem que se constitua uma articulação interna do Texto que produza o efeito que caracteriza a aparência mais científica que ocorre em GF1.

Esta relação de complementaridade do Texto em francês, entre os três níveis que o compõem (texto, paratexto e cotexto) tem uma função informacional, enquanto que, no Texto em português, a relação do linguístico e de elementos não-linguísticos não é complementar. Daí a relação ser ilustrativa somente no sentido, a meu ver, de quebrar a monotonia da leitura. Em português não há uma orientação pedagógica de convergência dos componentes do texto.

Em GP2 (anexo 3) As cidades e, GF2 (anexo 4) La Région Urbaine de Londres, ocorre algo semelhante. O GP2 não tem uma divisão em partes e sub-partes de modo mais preciso, isto é, os tópicos não são ressaltados enquanto títulos de partes e sub-partes. As divisões são feitas pelos parágrafos e os tópicos são ressaltados por palavras em negrito, como ocorre em GP1. Ou seja, não existe uma divisão explícita do Texto ligada ao seu conteúdo propriamente dito, o que vai dificultar para o leitor a recuperação de certas informações. Já em GF2 temos um Texto idêntico ao GF1, onde sua própria composição tem relação com o conteúdo, isto é, tudo se articula significativamente de forma complementar nos dois Textos de geografia em francês, enquanto que em português as ilustrações, os tipos tipográficos diferentes e a divisão em parágrafos parecem não ser suficiente para dar uma articulação significativa dos conteúdos.

GP1 vai se limitar a situar cada uma das estações num período do ano. Não há conceitos que possam ser articulados para se chegar a uma compreensão mais científica do tema. As estações aqui são vistas de modo bastante linear e mais estático.

Os conceitos de base de GP1 são dados através de uma definição no pri-

meiro parágrafo:

As variações dos dias e das noites, que ocorrem com regularidade no decorrer do ano, são responsáveis por quatro períodos, cada um com duração de três meses, conhecidos como estações do ano: primavera, verão, outono e inverno.

Não há conceitos explicativos do fenômeno, há somente conceitos que situam o fenômeno. Depois do primeiro parágrafo, o que teremos são certos dados que se referem ao começo e fim de cada estação.

No dia 21 de dezembro atinge-se o máximo de iluminação e aquecimento no hemisfério Sul e por isso ocorre o dia mais longo e a noite mais curta do ano. Nesse dia começa a nova estação: o verão.

Ao contrário, em GF1, existe uma hierarquização dos conceitos. Os principais são os sub-títulos das duas partes do capítulo L'inégalité des jour et des nuits e Solstices et équinoxes. Estes dois últimos são definidos no paratexto e retomados no corpo do texto. Se levarmos em conta os caracteres tipográficos em GF1 temos ainda os seguintes conceitos-chave: l'inclinaison de l'axe de la terre, l'été, Le 21 décembre, l'hiver, Le 21 mars et le 23 septembre, le printemps e l'automne. Vejamos como se articulam esses conceitos através de um certo tipo de progressão/oposição.

As estações do ano são explicadas a partir de uma progressão temática que se estabelece através de oposições. Estas oposições são observadas principalmente, a nível dos tópicos, da oposição central - a desigualdade do dia e da noite - que constitui a primeira parte. Podemos observar esse fato por este exemplo:

(...) en hiver, les journées sont courtes et il fait froid (...) Au contraire, en été, les journées sont longues et il fait chaud (...)

Aqui se faz referências ao inverno e ao verão, que não estão em negrito, para explicar a desigualdade do dia e da noite. Essa desigualdade por sua vez vai explicar o inverno e o verão na outra parte e então vão aparecer em negrito.

Na segunda parte, Solstices et équinoxes, as oposições dar-se-ão a partir do título de duas maneiras.

A primeira é entre os dois períodos do ano que são ressaltados pelas datas em negrito no início de cada parágrafo. Vejamos:

Le 21 juin (...) Dans nos régions le soleil se lève en direction du N-E et se couche en direction du N-W. Il monte haut au-dessus de l'horizon et la durée du jour est longue. La chaleur est forte, c'est l'été.

Le 21 décembre la situation est inverse de celle du 21 juin (...) Dans nos ré-

gions, le soleil se lève en direction du S-E et se couche en direction du S-W. Il demeure bas sur l'horizon. Les rayons sont rasants. La durée du jour est courte. La chaleur est faible, c'est l'hiver.

A segunda é no interior do mesmo período do ano. Vejamos:

Le 21 juin (...) Les régions situées à l'intérieur de la calotte polaire Nord sont constamment éclairées pendant que la terre tourne sur elle-même, pour elles le soleil ne se couche jamais et il brille encore à minuit: c'est l'été boréal. A l'opposé, les régions situées à l'intérieur de la calotte polaire Sud sont constamment dans l'obscurité: il fait nuit pendant 24 heures: c'est l'hiver austral.

Posso afirmar, a partir desses três exemplos, que a organização e a progressão do tema se dá a partir das oposições dos conceitos em todos os níveis.

Em GP1, ao contrário, não se explica o porquê das diferenças, das oposições entre o dia e a noite, como ocorre em GF1.

Na última frase da segunda parte temos:

Começa então no hemisfério Sul a estação do inverno, que se estenderá até 23 de setembro, quando tudo começará de novo.

A idéia que fica é a de que as estações começam na primavera e terminam no inverno.

Vejamos no parágrafo final como é explicada a diferença das estações no hemisfério Norte:

Ao mesmo tempo (...) os fatos estarão ocorrendo inversamente (...) Por isso, no hemisfério Norte a primavera começa em 21 de março, o verão em 21 de julho, o outono em 23 de setembro e o inverno em 21 de dezembro.

Um fato interessante ocorre nesse caso: mesmo dizendo que existe uma diferença de hemisfério, ainda assim as estações começam na primavera e terminam no inverno, como acontece no hemisfério Sul. O contrário ocorre em GF1 que explica as estações duas a duas, isto é, as oposições verão-inverno e primavera-outono. A progressão do GP1 não é via oposição como em GF1. O modo como GP1 coloca parece dar uma visão linear e importada das estações no decorrer do ano, o que pode ser comprovado com os desenhos, uma vez que no Brasil as estações não são tão marcadas como mostram as ilustrações.

Observando o que cada texto procura ressaltar, enquanto conceitos de base e termos técnicos, percebemos que GF1 dá todos os elementos fundamentais para a

compreensão das estações; quero dizer que, a partir somente dessas palavras, podemos levantar algumas hipóteses sobre o que elas significam se tivermos que relacioná-las, enquanto que, em GP1, não há nada para relacionar a não ser uma certa redundância dos termos primavera-verão-outono-inverno que são as estações do ano.

Se, a partir do texto que cito acima, for pedido ao aluno para definir: "o que é inverno"?, acredito que ele terá algumas dificuldades em responder. Aproximadamente o mesmo vi ocorrer com todo o texto.

Vejam ainda um outro exemplo. No último parágrafo, (ver acima) temos um por isso que inicia a última frase do texto. Logo em seguida deveria forçosamente, neste caso, vir uma explicação - o que não ocorre. O que há é uma listagem de datas situando as estações no hemisfério Norte.

Devo ressaltar que em GP1, há uma falta de rigor nas marcas das operações discursivas que veremos a seguir.

c) Operações discursivas dominantes

Dadas as diferenças que vimos até agora entre os textos, parecem existir também certas diferenças quanto às operações discursivas.

GP1 parte de uma explicação e chega a uma definição no primeiro parágrafo. O texto como um todo é descritivo com um certo tom narrativo, já que a cronologia tem importância para falar das estações. Mas é difícil delimitar, precisar o tipo de operação ligada ao tema, o que deixa o leitor um pouco perdido na leitura. Por exemplo, no penúltimo parágrafo, que é sobre o inverno, temos no início uma explicação, a partir dela se conclui, na terceira frase, que começa o inverno. Após a primeira vírgula, uma explicação até quando vai o inverno, após a segunda, outra explicação que tudo começará de novo porque se conclui acima que o inverno começou.

Já em GP1, há uma organização e uma progressão temática diferente das de GP1, o que vai necessariamente implicar numa articulação de certas operações discursivas. Na primeira frase:

La durée du jour et de la chaleur du soleil ne sont pas les mêmes selon les saisons,

temos uma explicação, logo de início, que vai servir de ponto de partida para articular todas as outras oposições, como já vimos acima. Seguem outras explicações ainda nesse parágrafo:

(...) les journées sont courtes et il fait froid, car les rayons du soleil sont toujours obliques (...)

Na segunda parte, há no paratexto duas definições dos conceitos fundamentais de Solstícios e de Equinoxes, que serão retomados no texto. O contexto comple-

menta o conteúdo. No corpo do texto há referências explícitas do paratexto e cotexto, o que indica uma harmonia desses três elementos.

GF1 é basicamente explicativo e há um certo rigor nas marcas das operações discursivas.

d) Fatos que derivam da relação do enunciado com a enunciação

A partir das quatro distinções de Dubois (p. 59) posso dizer que há certas diferenças bem marcantes entre os dois textos. Com relação à distância, em GP1 o autor está bem próximo do seu enunciado; ou seja, o eu se inclui no grupo (nós).

Como nós estamos no hemisfério Sul, vejamos, inicialmente, como as coisas ocorrem aqui.

O tom é tão coloquial que se assemelha a uma transcrição oral, da explicação das estações do ano de um professor em sala de aula. O leitor se vê no texto, através de nós, junto do autor/professor. Não devemos nos esquecer que esta frase é colocada logo no início do texto o que vai, de algum modo, influir no resto da sua leitura.

Em GF1 temos "dans nos régions" repetido quatro vezes ao longo do texto. Mas percebemos que há uma diferença na utilização desses pronome (ver p.102): o pronome possessivo (nos) vai servir como elemento explicativo, vai auxiliar a diferenciação de hemisfério, mas vai ser neutralizado pela diferença de datas, o que faz com que se mantenha mesmo assim uma distância do texto, ao contrário de GP1, onde o pronome sujeito (nós) quebra a distância e estabelece uma tensão maior entre leitor/texto.

Ainda neste mesmo parágrafo, em português, temos uma dêixis (aqui) que se refere ao hemisfério Sul; a meu ver, ela reforça a relação de interlocução explicitada no texto. Fica mais clara esta relação nessa mesma direção quando, no último parágrafo, temos:

Ao mesmo tempo, no outro hemisfério, ou seja, no hemisfério Norte (...)

Posso dizer ainda que este aqui é um elemento importante nesse parágrafo que é a passagem para a outra parte. Este "embrayeur" (shifter) aqui estabelece claramente uma hierarquização das informações: ele serve como ponto de referência e de partida, e vai ser contraposto ao outro do último parágrafo.

Um fato interessante relacionado aos tempos verbais ocorre em GP1. Quando o texto se refere a primavera-verão, os verbos estão no presente. Quando se refere ao outono-inverno, os verbos estão no futuro. Temos neste caso mais um exemplo da quebra da distância, porque, por um lado, essa mudança de tempo supõe uma hierarquização estabelecida sobre o assunto, já que primavera e verão são sempre as duas

primeiras estações que se aprende, como se não houvesse um processo constante ou seja, as estações recomençariam sempre na primavera (ver p.102), por outro lado, posso supor que o texto foi produzido na primavera-verão, neste caso a diferença dos tempos - presente e futuro - estaria interferindo diretamente na organização do conteúdo.

Em GF1 posso dizer, ao contrário, que existe um distanciamento maior produzido pelo uso de certos tempos verbais:

Les régions situées à l'intérieur de la calotte polaire Nord sont constamment éclairées pendant que (...) À l'opposé, les régions situées à l'intérieur de la calotte polaire Sud sont constamment dans l'obscurité (...).

temos aqui o mesmo verbo, être, na 3ª pessoa do presente no plural, sont, para mostrar a diferença entre Norte e Sul. Todos os outros verbos do texto estão no presente. O que dá uma certa homogeneidade às estações, homogeneidade esta necessária a qualquer generalização científica. Ao mesmo tempo produz-se, desta forma, menor tensão, menor opacidade e menor modalização.

O texto em português parece se aproximar do leitor/aluno ao falar das estações do ano pelo seu tom menos formal e mais coloquial, enquanto que em francês temos um texto que tem uma progressão e se articula de modo diferente, mantendo uma certa distância com o leitor/aluno pelo seu aspecto e tendendo mais à neutralidade científica.

2.2. História

a) Organização textual

O texto HP1 (anexo 5), A Grande Guerra, constitui um capítulo. A relação que esse texto tem com o resto do livro equivale à relação que este fato histórico, a Primeira Guerra Mundial, mantém com os outros fatos históricos do livro nos outros capítulos. HF1 (anexo 6), La Première Guerre Mondiale (1914 - 1918), é uma espécie de resumo cronológico onde o autor situa, para cada momento importante da guerra, 17 documentos históricos³. É essa apresentação geral da questão que analisarei, e não os documentos que, juntos, formam todo o capítulo sobre a Primeira Guerra Mundial. HF1 vai, necessariamente, envolver outros textos, já que há uma relação direta entre o texto e os documentos que são citados no corpo do texto.

O aspecto visual de HF1 é composto de um título embaixo do qual aparecem as datas da duração da Guerra e o corpo do texto com seus parágrafos divididos em duas colunas, três parágrafos em cada coluna. São ressaltadas certas palavras em negrito (as noções e os fatos) e as indicações numéricas dos documentos ao longo do texto.

A organização visual de HP1 é bem diferente da que temos em HF1. O fato de ter quatro páginas dificulta de imediato uma visão geral do texto. Há seis partes

ao todo, sendo que cada uma tem uma ilustração, ou seja, cada ilustração se refere a um tópico específico. Na metade da terceira página temos um paratexto, com o título, Leia!, impresso em caracteres tipográficos diferentes.

Um fato interessante ocorre nesse Texto com relação à variação da função das ilustrações; o que eles têm em comum é o fato de que não é feita nenhuma referência explícita a elas no corpo do texto.

Vejamos em HP1 como esse fato ocorre: as duas ilustrações menores, a terceira e a sexta, são mais simbólicas porque sua ligação com o texto deve ser inferida; elas não acrescentam nada ao conteúdo. A segunda e a quinta, ao contrário das duas anteriores, mantêm uma relação de ilustração de fatos destacados no corpo do texto. Enfim, a primeira e a quarta parecem estar num meio termo, a ligação com o texto parece ser fundamentalmente cronológica, isto é, uma data do início da Guerra, e a outra, do final.

Em Aprenda a contar o tempo HP2 (anexo 7), a apresentação é bem marcada pela ilustração no meio do texto e pela divisão em parágrafos. Essa ilustração, até certo ponto, é estereotipada, já que o tempo é representado por uma ampulheta, sendo que o número 1, é maior do que os outros, para indicar o ano de nascimento de Cristo. Essa organização textual está diretamente ligada à temática e ao desenvolvimento do texto.

O HF2, En remontant le temps (anexo 8), é a introdução de um capítulo. Seus três parágrafos explicam como se deve "contar o tempo". Ao contrário de HP2, a ilustração, uma árvore genealógica, e um esquema das gerações têm uma relação só indireta com o texto.

No caso de HP2, a ilustração que, aliás, está no corpo do texto, interfere diretamente na compreensão do conteúdo, ou seja, é o contrário do que ocorre com os textos em português que vimos até agora.

b) A organização e a progressão do domínio temático

Analisarei esta parte junto com a seguinte - operações discursivas dominantes - porque, a meu ver, a maneira de narrar a História é uma forma de interpretá-la. E essa interpretação está presente por exemplo na explicação, descrição, avaliação, enumeração e escolha dos fatos. Por isso a organização e a progressão do tema estão diretamente ligados à operação discursiva fundamental da história que é a narração.

c) Operações discursivas dominantes

A divisão em seis partes de HP1 está diretamente relacionada com a divisão e a progressão do conteúdo. Essa divisão compromete a organização temática porque faz parte da interpretação histórica do autor.⁴

Posso dizer que a escolha das ilustrações, neste caso, faz o mesmo: dá

uma certa visão do que foi a Guerra.

O mesmo acontece em HF1 que tem um encadeamento temático que se organiza para dar uma interpretação através de uma apresentação geral da Guerra. Essa apresentação é feita de modo cronológico, como em HP1.

A diferença da função dos negritos e dos sub-títulos ligada à questão da progressão/interpretação faz aparecer dados interessantes nos dois textos.

Vejamos a sequência de negritos de HF1: La Première Guerre Mondiale (1914-1918), européenne, mondiale, victoire de la Marme, guerre de positions, Verdum, guerre d'usure, la guerre sous-marine, l'année 1917, États-Unis, la Russie, parti communiste (bolchevik), Lénine, traité de Brest-Litovsk, Foch.

Agora, vejamos, esta mesma sequência em HP1, com os títulos das sub-partes e os negritos de cada uma delas: A Grande Guerra, Primeira Guerra Mundial, Imperialismo econômico, política de alianças, Tríplice Aliança, Tríplice Entente, paz armada, revanchismo francês, crise dos Balcãs, O Estopim da Guerra, Os Anos de Guerra, paz de Brest-Litovsk, Tratados de Paz, Tratado de Versalhes, tratado de Saint-Germain, Surge a nova Potência, A Liga das Nações, Liga das Nações.

O que podemos perceber é que em HF1 estão sendo ressaltados mais os fatos da Guerra em si, enquanto que em HP1 estão sendo ressaltados mais as causas da guerra e os acontecimentos posteriores. Quantitativamente, a guerra propriamente dita em HP1, isto é, Os Anos de Guerra, são descritos somente na metade da segunda página. O paratexto "Leia!" colocado na terceira página tem como tema O Tratado de Versalhes. Esta composição e organização dos temas faz com que se dê importância maior aos acontecimentos que antecederam e sucederam à Guerra, que à própria descrição da Guerra.

Já em HF1, ao contrário, a maioria dos negritos faz referências explícitas à Guerra propriamente dita.

Um outro fator relacionado à temática de modo geral, a ser comparada entre HP1 e HF1, tem relação com o foco de Guerra. Vejamos o primeiro parágrafo de HF1:

La Guerre qui a éclaté en 1914 a d'abord été européenne (... Elle est devenue mondiale avec l'intervention de États-Unis em 1917.

Observamos que a maneira pela qual a França se representa na história é peculiar: a França mantém uma relação com a Guerra na Europa e depois esta se torna mundial.

Em HP1 a causa da guerra é a tensão entre os países industrializados. Vejamos também o primeiro parágrafo:

O início do século XX foi marcado por grandes tensões entre os países industrializados (...) tiveram como consequência principal o eclodir da Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918).

Em outras palavras, a Guerra já é mundial desde o seu início.

Em HP1 é feita referência à participação do Brasil e dos Estados Unidos na Guerra, no seguinte modo:

Esse fato levou os Estados Unidos a declararem guerra à Alemanha. Logo depois, vários países declararam guerra à Tríplice Aliança, entre eles o Brasil.

HF1 não faz referência explícita à participação da França de modo particular na guerra. Sua participação está ligada aos Aliados. A única referência está no primeiro parágrafo, quando se enumeram os países que compuseram a:

Triple Entente (France, Angleterre, Russie) venue au secours de la (...)

Existe certa semelhança nas narrativas de HP1 e HF1. Os dois textos estão no tempo passado. Os "personagens", que na maioria dos casos são os sujeitos das asserções, são em alguns casos os mesmos: a Guerra, as nações que participam da guerra, os Aliados, o Fronte, etc. Essas semelhanças levam-me a dizer que o discurso da História é mais padronizado que o da Geografia que vimos anteriormente.

Além da operação fundamental da narração, e intimamente ligada a ela, encontramos descrições, enumerações e explicações de fatos.

Outra relação importante na narração histórica é a da expressão da causa e da consequência. Vejamos como isto ocorre, por exemplo, em HP1:

Devido à sua Revolução Socialista de 1917 que derrubou a monarquia, a Rússia abandonou o conflito.

Em outros casos vejamos como ocorre a relação causa-consequência através de uma explicação e de uma enumeração:

A Liga da Nações fracassou como órgão mantenedor de paz porque(...)

ou

Com isso novos países surgiram na Europa: (...)

Tanto em HP1 como em HP2, apesar das diferenças que levantei até agora, podemos perceber uma certa objetividade na narração cronológica dos fatos. Como sabemos, é uma aparente objetividade que pode ser questionada a partir da observação de como a história é contada, o que relativiza o valor das informações e dados ali contidos.

d) Fatos que derivam da relação do enunciado com a enunciação

Como disse na parte anterior, - operações discursivas dominantes - no discurso da história, a própria maneira de narrá-la é uma forma de interpretá-la. Esta característica evidentemente vai ter consequências também a nível dos fatos ligados ao enunciado/enunciação.

Nos textos de História, HP1 e HF1, a relação enunciado/enunciação é complexa. Como vimos, HF1 é uma apresentação geral da Primeira Guerra que vai servir como uma espécie de roteiro preliminar para as leituras dos documentos. Esse fato, a meu ver, coloca implicitamente uma idéia fundamental: a de que a História pode ser narrada por outros historiadores, o que vai necessariamente ampliar a idéias do que seja a História. Em outros termos, a História pode ser vista como um processo que teria início no Texto, ou seja, o Texto é um ponto de partida.

O contrário parece ocorrer em HP1, onde a História parece acabar no Texto, ou seja, se apresenta como um produto acabado.

Tanto em HP1 como em HF1 não há no corpo do texto tantas marcas da relação de interlocução, como ocorre nos textos de Geografia que vimos anteriormente. Um dos funcionamentos dessas marcas pode ser observado, por exemplo, em HP1 quando é inserido o paratexto com o título Leia!. Nesse caso posso considerar como uma interferência direta do contexto pedagógico, ou seja, o autor do texto assume a figura do professor ao expressar essa ordem.

Um fato interessante com relação à enunciação está em HP2. O Tema/título Aprender a contar o Tempo relaciona-se com o tema/tópico o calendário cristão. Desse modo, o desenvolvimento temático está ligado diretamente à situação de enunciação. Vejamos a primeira frase:

Hoje, a maioria dos povos adota como ponto de referência para a contagem do tempo o nascimento de Cristo.

O texto não explica quais são os outros povos, mas está pressuposto que não são todos que adotam o calendário cristão (mas a maioria). Assim, aprender a contar o tempo é o mesmo, hoje, que aprender a contar o tempo do calendário cristão. O hoje indica um ponto de referência, de partida, para justificar o conteúdo do texto.

Em HF2 existe, ao contrário, uma preocupação em relativizar essa questão da contagem do tempo. Mas ao mesmo tempo há uma modalização deste aspecto. Vejamos também a frase inicial.

Les choses se compliquent du fait que les peuples n'utilisent pas tous le même point zéro (...)

Este se compliquent vai servir para introduzir a explicação dos outros calendários: o Romano, o Muçulmano, etc.

Sobre a relação de interlocução expressa no texto, outro fato interessante ocorre em HP2. Vejamos a questão dos pronomes sujeitos nesta frase:

Nessas datas, como você pode perceber pelo exemplo, devemos usar a abreviatura a.C., (a. quer dizer antes, C. quer dizer Cristo).

Você pode quebra mais a distância porque remete o aluno à sua própria leitura do texto. E o fato de logo em seguida mudar o sujeito para nós (devemos) pode ser considerado uma forma de tensão, ou seja, é a articulação entre você pode e devemos que resulta na tensão. Esta frase é idêntica à que ocorre numa situação de oralidade em sala de aula. Por isso essa frase se aproxima muito da transcrição de um diálogo.

Em HF2 vai ocorrer algo parecido:

Car si l'on peut numérotter les dates (...), il ne faut pas oublier que la vie (...)

Mas, neste caso, a distância se matém porque o que temos é o uso do "on" (que corresponde ao se impessoal) de maneira genérica, indeterminada. Esta idéia é reforçada com o uso impessoal do "il ne faut pas".

Este caso, embora parecido com a transcrição de um diálogo de sala de aula, apresenta mesmo assim, nesta modalização, uma certa distância e uma tensão diferente da que ocorre em HP2, ou seja, há tensão mas com mais distância.

Encontrei também um caso em HF1 em que a presença da relação didática é muito clara. Esta relação está expressa por uma ordem (imperativo) no texto. Vejamos:

Mais attention! Le 1^{er} siècle avant J.C. commence (...)

Encontrei este mesmo tom em HP2:

Não esqueça: Um século é igual a cem anos.

3. Discussão

Há uma característica bem marcante nos textos didáticos brasileiros em comparação com os franceses.

O texto brasileiro dá uma certa impressão de desorganização em todos os níveis que analisei. Quanto à organização Textual, a relação texto, paratexto e contexto não é percebida facilmente. A função da ilustração (cotexto) é somente ilustrativa. Falta correspondência entre as divisões dadas pela organização visual e a temática; ou seja, há uma dificuldade em recuperar a organização e a progressão temática a partir de um modo mais linear através do desenvolvimento temático. Por outro lado, as operações discursivas sofrem, às vezes, um processo de alteração pouco previsível ao longo do texto. Além disso, há uma falta de rigor nas suas marcas, por isso elas são também dificilmente recuperáveis e integráveis ao conjunto do texto.

Ao mesmo tempo, o texto estabelece uma menor distância entre autor/texto e uma tensão autor/leitor muito grande, parecida com a relação professor/aluno. As interferências do enunciador são de vários tipos, por exemplo, com relação a certas ordens como Leia!, Não esqueça! o que dá ao texto um tom mais coloquial, e em certos casos lhe dá uma aparência de transcrição de um diálogo em sala de aula.

Essas características do texto didático brasileiro fazem com que a presença do professor seja um dos elementos necessários para a sua legibilidade. Porque há falhas no funcionamento do texto didático, enquanto objeto de leitura autônoma, a intervenção do professor para fazer dele um objeto de leitura é imprescindível. As marcas da relação de interlocução presentes no texto brasileiro não são suficientes para se estabelecer uma relação aluno/texto; ou seja, posso pensar que o aluno que só tenha como objetivo de leitura o texto didático dificilmente será capaz de ler um outro texto sozinho.

Ao contrário, os textos franceses parecem se dirigir a um leitor mais capaz, já que formam em si um objeto de leitura. Esta característica reflete-se em todos os níveis que analisei. Há uma organização visual prevista ligada ao conteúdo; ou seja, texto, paratexto e cotexto complementam-se. O conteúdo tem uma progressão que não se dá linearmente, mas está articulada a partir do tema. As operações discursivas são mais precisas e mais claras. O texto mantém uma certa distância e a tensão leitor/autor é menor, isto é, todos os elementos do texto se completam de modo mais preciso.

O texto francês parece pressupor que se dá uma formação do aluno enquanto leitor no decorrer dos anos, já que podemos observar uma diferença significativa entre os textos de 6^º, início do primeiro grau, por exemplo, Les Saisons e um do final (3^º), La Première Guerre Mondiale. Há uma progressão a nível do texto ao longo do 1^º grau. No caso dos textos brasileiros isto parece não ocorrer. Entre As Estações do Ano e A Grande Guerra não há de fato uma diferença significativa a nível do texto, o que pressupõe que não haja uma evolução da leitura do aluno nesse período.

De qualquer modo, dadas essas diferenças, observa-se que a instituição determina as características e as especificidades dos textos, brasileiros e franceses, das duas disciplinas. Quero dizer que a legibilidade do texto didático, a partir do que vimos, tem compromissos que variam de intensidade com a instituição, ou seja, a legibilidade do texto didático está diretamente comprometida com o seu contexto, isto é, com suas condições de produção e recepção, o que faz com que haja um certo padrão discursivo para todos os temas. Essa padronização tem como função a transmissão do "saber", mas de um "saber" que faz pouca referência ao "mundo" do leitor. Desse modo o texto didático para a ser somente um dos elementos que comporiam uma legibilidade mais ampla, por isso concordamos com Kleiman (p. 71):

A legibilidade de um texto é geralmente considerada uma propriedade do texto. Porém, visto que o texto pode ser difícil ou fácil, inteligível ou não, para

um leitor específico, podemos pensar que a legibilidade é determinada também no momento da leitura.

Esta afirmação conclui em parte a análise reforçando a idéia, colocada no início, da necessidade de se pensar a legibilidade do texto didático no interior de uma dinâmica.

Resumindo, quero dizer que através desta análise constrativa podemos verificar como a legibilidade dos textos (principalmente os brasileiros) relaciona-se com uma série de fatores que derivam das suas condições de produção: por um lado, como estes fatores agem na legibilidade destes textos; por outro, como os textos didáticos (tanto os brasileiros quanto os franceses) têm um funcionamento específico que vai caracterizá-los como um objeto de leitura particular para os alunos de 1º grau.

NOTAS

1. Esta distinção está baseada no capítulo "Le texte et ses objets" do livro L'écrit et les écrits: problèmes d'analyse et considérations didactiques: Martins. Baltar, Michel et al., Hatier - Conseil de l'Europe 1979.
2. Para não repetir o título dos textos, utilizarei uma sigla para cada um. Esta sigla é composta da primeira letra da disciplina - Geografia e História - em seguida um P para os textos em português e um F para os franceses. E finalmente os números 1 para os textos que são centrais nesta análise, e o 2 para aqueles que estão servindo de apoio, de complemento.
3. Segundo os autores, cada capítulo do livro é composto basicamente de uma apresentação geral da questão, e de documentos (textos, reproduções, notas, etc). A apresentação geral é composta de noções e fatos que "precisam ser bem compreendidos e dos quais deve ser retido o essencial antes de passar para o estudo dos documentos".
4. Neste caso, os fatos ligados à enunciação também aparecem, só que procurarei analisá-los separadamente, em seguida.

BIBLIOGRAFIA

BEACCO, Jean-Claude, Darot Mireille. Analyse de Discours et Lecture de textes de Spécialité. Paris: BELC, 1977.

DUBOIS, Jean. "Énoncé et Énonciation" em Langages nº 13 (L'Analyse du Discours). Paris: Larousse, 1969.

KLEIMAN, Angela. "O texto didático: considerações sobre coerência e legibilidade numa abordagem pragmática", em Trabalhos em Linguística Aplicada, nº 4, 1984.

MOIRAND, Sophie. Situation d'écrit (compréhension, production en langue étrangère). Paris: CLE international, 1979.

URLANDI, Eni Pulcinelli. A Linguagem e seu funcionamento. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

As estações do ano

As variações dos dias e das noites, que ocorrem com regularidade no decorrer do ano, são responsáveis por quatro períodos, cada um com duração de três meses, conhecidos como *estações do ano: primavera, verão, outono e inverno.*

Na metade do ano em que o hemisfério está mais iluminado e, portanto, mais aquecido, ocorre a *primavera-verão*; na outra metade do ano ocorre o *outono-inverno.*

Como nós estamos no hemisfério Sul, vejamos, inicialmente, como as coisas ocorrem aqui.



A *primavera* começa em 23 de setembro, dia em que não há diferença de duração entre o dia e a noite, e termina em 21 de dezembro. Durante este período estará ocorrendo um constante aumento na iluminação e no aquecimento do hemisfério Sul.

No dia 21 de dezembro atinge-se o máximo de iluminação e aquecimento no hemisfério Sul e por isso ocorre o dia mais longo e a noite mais curta do ano. Nesse dia começa a nova estação: o *verão.*



O *verão* vai até 21 de março, quando haverá novamente um equilíbrio de luminosidade e temperatura entre os dois hemisférios. Nesse dia começa o resfriamento do hemisfério Sul: é o início do *outono.*

Até 21 de junho o hemisfério Sul estará recebendo cada dia menos luz e calor e por isso se tornando mais frio. Em 21 de junho ocorrerá o dia mais curto e a noite mais longa do ano. Começa então no hemisfério Sul a estação do *inverno*, que se estenderá até 23 de setembro, quando tudo começará de novo.

Ao mesmo tempo, no outro hemisfério, ou seja, no hemisfério Norte, os fatos estarão ocorrendo inversamente: quando houver aquecimento no hemisfério Sul, haverá resfriamento no hemisfério Norte. Por isso, no hemisfério Norte a primavera começa em 21 de março, o verão em 21 de junho, o outono em 23 de setembro e o inverno em 21 de dezembro.



(5ª e última parte do capítulo "Vivemos num mundo redondo")

19

Geografia 1 - Primeiros Estudos de Adyr A.B. Rodrigues e João Antonio Rodrigues. Companhia Editora Nacional. São Paulo-s.d.

1. L'inégalité des jours et des nuits.

La durée du jour et la chaleur du Soleil ne sont pas les mêmes selon les saisons*. Dans nos régions, en hiver, les journées sont courtes et il fait froid, car les rayons du soleil sont toujours obliques, même à midi, et le Soleil ne s'élève guère au-dessus de l'horizon. Au contraire, en été, les journées sont longues et il fait chaud : à midi, les rayons solaires sont presque verticaux et le Soleil est très haut dans le ciel.

• Cette inégalité des jours et des nuits est provoquée par l'**inclinaison de l'axe de la Terre** passant par les pôles, comme le montrent les figures du livre et les globes terrestres miniatures

Dates	Heures	
	lever	coucher
21 juin	3 49	19 55
23 sept	5 40	17 46
21 dec	7 45	15 55
21 mars	5 53	18 04

*Heures du lever et du coucher
du Soleil à Paris
(heure vraie)*

2. Solstices et équinoxes.

Dans son parcours autour du Soleil, la Terre a 4 positions remarquables (**Doc. 1**) :

• Le 21 juin, le Soleil est à midi au zénith sur le Tropique Nord. Dans l'hémisphère Nord le jour est plus long que la nuit. C'est le **solstice*** de juin.

Les régions situées à l'intérieur de la calotte polaire Nord sont constamment éclairées pendant que la terre tourne sur elle-même, pour elles le Soleil ne se couche jamais et il brille encore à minuit : c'est l'été boréal. À l'opposé, les régions situées à l'intérieur de la calotte polaire Sud sont constamment dans l'obscurité : il fait nuit pendant 24 heures : c'est l'hiver austral.

Dans nos régions le Soleil se lève en direction du N-E et se couche en direction du N-W. Il monte haut au-dessus de l'horizon et la durée du jour est longue. La chaleur est forte, c'est l'**été**.

• Le 21 décembre, la situation est inverse de celle du 21 juin. Le Soleil est à midi au zénith sur le Tropique Sud.

Dans l'hémisphère Nord, la nuit est plus longue que le jour. C'est le **solstice** de décembre. Les régions situées à l'intérieur de la calotte polaire Nord sont constamment dans la nuit pendant que la Terre tourne sur elle-même : le Soleil ne se lève pas : c'est le long hiver boréal. À l'opposé, les régions situées à l'intérieur de la calotte polaire Sud sont constamment éclairées : c'est l'été austral.

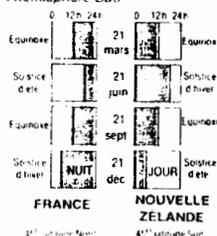
Dans nos régions, le Soleil se lève en direction du S-E et se couche en direction du S-W. Il demeure bas sur l'horizon. Les rayons sont rasants. La durée du jour est courte. La chaleur est faible, c'est l'**hiver**.

• Le 21 mars et le 23 septembre. Deux fois dans l'année, le Soleil est à midi au zénith sur l'Équateur. Le jour et la nuit ont la même durée sur toute la Terre (12 heures chacun). Ce sont les **équinoxes*** de mars et de septembre. Le Soleil se lève à l'Est (**Doc. 2**) et se couche à l'Ouest.

Dans nos régions tempérées, le **printemps** et l'**automne** commencent le 21 mars et le 23 septembre, jour des équinoxes

Solstices : jours de l'année où la différence entre la durée du jour et de la nuit est la plus grande.

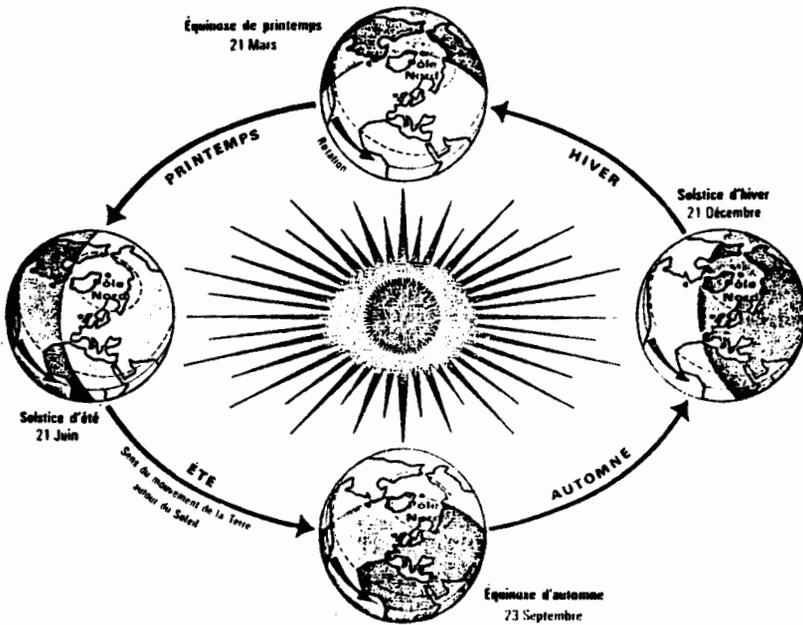
L'inversion des saisons entre l'hémisphère Nord et l'hémisphère Sud



• La durée de la nuit et du jour dans les 2 hémisphères.

• En janvier, alors que les Français mettent des manteaux d'hiver, les Néo-Zélandais se promènent en chemisette, la mousson bat son plein...

Équinoxes : jours de l'année où sur toute la Terre la durée du jour est égale à celle de la nuit



Doc. 1 Le mouvement de la Terre autour du Soleil

Solstices et équinoxes

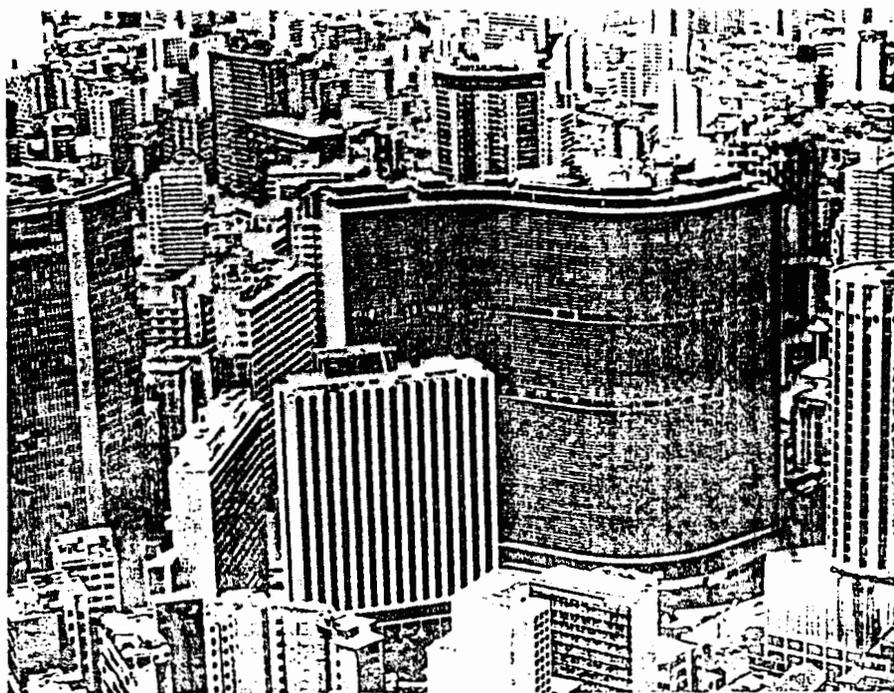
Doc. 2 Lever du Soleil à l'équinoxe de printemps (Paris vu depuis St-Cloud). La position du Soleil levant ce jour indique la direction de l'Est. Le Nord est à la gauche du document et le Sud à droite. Au solstice d'hiver (21 décembre) le Soleil se lève au S-E en direction de la Tour Montparnasse. Au solstice d'été (21 juin) le Soleil se lève au N-E en direction de la Tour Eiffel. À l'aide d'une boussole posée sur le document, l'Est pointe dans la direction du Soleil, vérifier les orientations cardinales de la Tour Montparnasse et de la Tour Eiffel.



CHAP 9 CHALEUR ET SAISONS.

(2^e partie du cahier) "Chaleur et Saisons".

Espaces & Civilisations - classe de 6^e. V. Prewot e F. Lebrun - Librairie Classique Eugène Belin - Paris - 1977.



As cidades

O habitat urbano é a cidade, onde dominam atividades terciárias (comércio, profissões liberais, serviços em geral) e secundárias (indústrias).

Geograficamente, cidade é um aglomerado de habitações distribuídas por praças, quarteirões ou ruas com pavimentação, com uma considerável população, com atividades econômicas secundárias e terciárias, com uma infraestrutura de serviços urbanos (água encanada, esgoto, coleta de lixo, transporte coletivo, etc.) e uma autonomia político-administrativa regida por uma prefeitura.

No Brasil, politicamente, cidade é toda sede de município, e, assim, se um povoado rururbano for elevado à categoria de sede de município, será então considerado uma cidade.

Quanto à origem, as cidades podem ser naturais ou espontâneas e artificiais ou planejadas.

As cidades naturais ou espontâneas surgiram da vontade popular, isto é, do crescimento espontâneo de aglomerados. É o caso da maioria das cidades onde as ruas foram traçadas de forma irregular e muito diversificada, apresentando vias expressas, largas avenidas, ruas estreitas e becos sem saída.

No Estado de São Paulo, muitas cidades apresentam um traçado regular de ruas, mas mesmo assim são naturais ou espontâneas.

As cidades artificiais ou planejadas já nascem prontas, isto é, são construídas e planejadas de uma só vez por arquitetos e urbanistas, que prevêem todas as necessidades urbanas. Essas cidades quase sempre são encomendadas pelo governo e possuem função político-administrativa, constituindo capitais de Estados ou de países.

As cidades de Washington-DC — capital dos Estados Unidos da América, Canberra — capital da Austrália e Islamabad — capital do Paquistão são artificiais e foram planejadas para o exercício da função político-administrativa. No Brasil, além de Brasília — DF, inaugurada em 1960, existem outras cidades artificiais como Belo Horizonte — MG, Goiânia — GO e Teresina — PI.

Quanto à função, isto é, atividade principal ou dominante, as cidades podem ser industriais, comerciais, portuárias, militares, universitárias, turísticas, religiosas, político-administrativas e dormitórios.

Pittsburgh e Detroit nos Estados Unidos da América, assim como Volta Redonda (RJ) e Cubatão (SP) são cidades tipicamente industriais. As cidades comerciais são os grandes centros urbanos como Londres, New York e São Paulo.

Hamburgo na Alemanha Ocidental, Roterdã na Holanda e Paranaguá (PR) ou Santos (SP) são cidades portuárias. Port Said junto ao canal de Suez, no Egito, e Resende (RJ) são cidades militares. Oxford na Grã-Bretanha, Coimbra em Portugal e Moji das Cruzes (SP) são cidades universitárias.

As cidades turísticas podem apresentar atrativos como beleza natural (Rio de Janeiro), fontes termais (Poços de Caldas) e passado histórico ou museu (Ouro Preto).

Meca na Arábia Saudita, Benares na Índia, Lhassa no Tibete (China), Lourdes na França, Fátima em Portugal e Aparecida no Brasil (SP) são cidades religiosas.

Washington-DC e Brasília-DF são cidades político-administrativas, pois são capitais ou sedes de governo.

Geralmente, próximo às grandes cidades industriais ou comerciais existem cidades-satélites, cujas populações trabalham nas grandes cidades vizinhas. Pelo fato de seus moradores trabalharem fora, voltando apenas para dormir, essas cidades-satélites são consideradas dormitórios. Barra Mansa é dormitório de Volta Redonda, Caieiras, Ribeirão Pires e outras cidades da Grande São Paulo são dormitórios de São Paulo e ABC.

No estudo dos fenômenos urbanos, é muito importante o conhecimento do meio geográfico, como Sítio Urbano e Situação Geográfica.

O Sítio Urbano é o relevo ou terreno onde se formou uma cidade. Pode ser marítimo, fluvial, lacustre, em montanhas, etc. Dependendo de sua natureza, pode ser salubre ou insalubre, e daí a menor ou maior necessidade de saneamento básico para as cidades. Em alguns Sítios Urbanos, geralmente por motivos de divisão política, surgiram as cidades gêmeas ou binômios urbanos. São duas cidades surgidas no mesmo sítio e, historicamente, na mesma época e pelos mesmos motivos, tão juntas que parecem formar uma única cidade. São cidades gêmeas Rio Negro (PR) e Matra (SC), Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), Livramento (RS) e Rivera (Uruguai). Também Santos e São Vicente, no litoral, são cidades gêmeas.

A Situação Geográfica de uma cidade é a sua localização em relação a toda a região circunvizinha. Essa posição, pelas influências da vizinhança, determina mais ou menos o desenvolvimento da cidade. A cidade de São Caetano do Sul, apesar de ser bastante nova, cresceu intensamente devido à sua situação geográfica entre São Paulo, Santo André e São Bernardo do Campo.

As cidades de São Paulo e do ABC não são gêmeas, pois nasceram geograficamente separadas e historicamente em épocas bem diferentes. O crescimento desordenado acabou juntando essas cidades, formando um único e grande conjunto urbano. Esse ajuntamento de cidades é chamado conurbação.



Brasília — Distrito Federal.

Chama-se **Rede Urbana** um conjunto de cidades interdependentes e localizadas numa dada região. A graduação de importância das cidades de uma rede constitui a **hierarquia urbana**.

A cidade hierarquicamente superior numa rede urbana é chamada **Capital Regional**. Ribeirão Preto, Presidente Prudente, Bauru, São José dos Campos, São José do Rio Preto e Sorocaba são algumas capitais regionais do Estado de São Paulo.

Quando a influência hierárquica de uma cidade se estende por várias redes urbanas, tem-se uma **metrópole**.

Belém é a metrópole do Norte do Brasil, Recife, Salvador e Fortaleza são as metrópoles do Nordeste, Porto Alegre e Curitiba são metrópoles do Sul e Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo são metrópoles do Sudeste.

A principal cidade de um país, cuja influência é sentida em toda a nação, é uma metrópole nacional, como **New York** nos Estados Unidos da América e **Sidney** na Austrália.

A influência metropolitana no Brasil está entre Rio de Janeiro e São Paulo.

Chama-se **megalópole** uma região intensamente urbanizada (cheia de cidades) e que se estende e é delimitada por duas ou mais cidades-pólo. Boswash, Chipitts e Sansan são megalópoles dos Estados Unidos da América.

Boswash é um conjunto de cidades que se estende de Boston a Washington, incluindo New York, no nordeste dos Estados Unidos.

Chipitts é uma megalópole que vai de Chicago a Pittsburgh. No sudoeste está **Sansan**, que se alonga de San Francisco a San Diego, incluindo a cidade de Los Angeles.

No Brasil, o maior conjunto urbano tido como megalópole é o trecho entre São Paulo, Santos e Rio de Janeiro, denominado **Pasanguá**.

As grandes cidades do mundo atual enfrentam sérios problemas de insalubridade, poluição e epidemias, que fazem muitas vezes da vida humana um eterno pesadelo, pois muitas e variadas são as ameaças à sobrevivência. A fuga dos centros urbanos em fins de semana já é bastante notada em São Paulo. **New York** está se despovoando e falindo de ano para ano.



Aspecto de Nova Iorque.

120

(5ª e última parte do capítulo "As relações entre os grupos humanos e o meio natural")

Geografia 7ª série, Arcênio Sanches, Geraldo Francisco de Sales - Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas - IBEP - S. Paulo - ind.

31 La région urbaine de Londres

L'Europe est le plus urbanisé des continents et le Royaume-Uni, le plus urbanisé des pays européens. Par sa population, la région urbaine de Londres est la troisième du monde, après New York et Tokyo, la première de l'Europe avant la région de Paris et la région urbaine Rhin-Ruhr.

Expansion d'une métropole

● Le voyageur qui découvre Londres est d'abord frappé par l'immensité d'une région urbaine qui étend d'interminables banlieues dans tout le Sud-Est britannique. Arrivant à Londres, à 60 kilomètres du centre de la ville, on entre déjà dans l'agglomération londonienne. Londres fut la première ville à franchir le cap du million d'habitants. La grande cité est un organisme vivant qui s'est ramifié au-delà de toute limite administrative. La région urbaine renferme plus de 13 millions d'habitants, plus du cinquième de la population du Royaume-Uni.

● À l'impression d'immensité s'ajoute celle de monotonie. Peu de monuments très anciens : la ville fut entièrement reconstruite après le grand incendie qui, en 1666, fit rage sur des maisons de bois pendant une semaine entière. Tandis que Paris faisait craquer des enceintes successives, Londres s'est développée « à tâtons, comme une bête aveugle qui ne se heurte à aucune barrière », quartier par quartier, selon le tracé des voies de communication, la commodité d'implantation des logements et des usines. On a pu comparer Londres à un archipel de villages (Doc. 1, 2, 3 et 4), car les quartiers se sont simplement juxtaposés. Paris a ses rues caractéristiques, Rome ses places, Londres a ses jardins et ses squares.

Les facteurs de croissance

● La situation* et le site* étaient favorables sans être excellents ni originaux. Londres a d'abord été une cité romaine (Londinium). La ville est née au carrefour de la Tamise et de la route venue du continent et se dirigeant vers l'Écosse, là où existait un gué aisément franchissable à marée basse (le gué de Westminster), dans un bassin agricole aux communications faciles.

● Londres s'est développée comme ville de la Tamise, comme port d'estuaire et de marée*. Au Moyen Age, la ville profite de sa situation sur un grand carrefour commercial, la mer du Nord, fréquenté par les gens de la Hanse*. Après les grandes découvertes, Londres devient un grand entrepôt où affluent toutes sortes de marchandises venues d'Outre-Mer.

Au 19^e et au 20^e siècles, Londres est servie par la puissance et l'impérialisme britannique. La ville devient la capitale politique, le centre bancaire et commerçant du plus grand empire du monde. L'exode rural, la Révolution industrielle, l'afflux d'immigrants venus de tous pays, favorisent aussi la croissance de la ville. La cité trouve les forces nécessaires à son développement en elle-même, dans les capitaux accumulés par le grand commerce maritime, dans les emplois industriels, dans la multiplication des bureaux, des services (administration, transport, négoce, finances, édition...) qui emploient de nos jours trois fois plus de personnes que les établissements industriels.

216



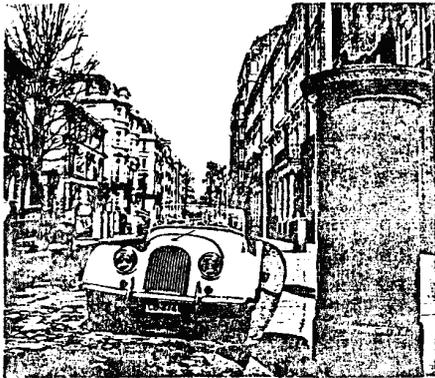
ATLAS N° 40

Situation d'une ville : position de la ville par rapport aux régions environnantes. Par exemple, Londres a une situation de carrefour de voie d'eau (fluviale et maritimes) et de voies terrestres.

Site d'une ville : emplacement précis sur lequel est édifiée une ville. Londres a pour site des terrasses fluviales dans un méandre de la Tamise, un fond d'estuaire abrité possédant le premier pont à partir de la mer.

Port d'estuaire et de marée : c'est la marée qui transforme une modeste rivière en un bras de mer profond de 6,50 mètres au pont de Londres.

La Hanse : association de marchands des villes d'Allemagne et d'Europe du Nord. Au 12^e siècle, un de leurs comptoirs se trouvait à Londres et c'est au commerce avec les gens de l'Est que la monnaie britannique, la livre sterling (*sterling*) doit son nom.

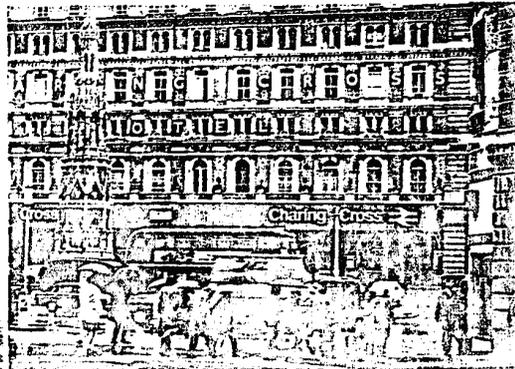


Doc. 1 King's Church.



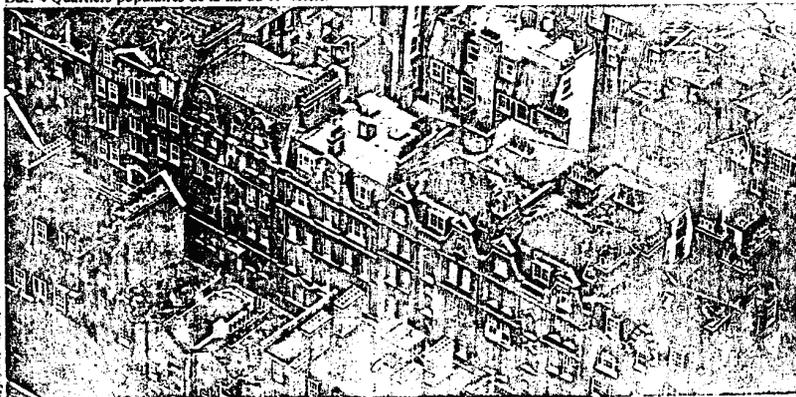
Doc. 2 South Kensington : quartier résidentiel aisé.

L'urbanisme traditionnel



Doc. 3 Une gare du centre de Londres : Charing Cross Station.

Doc. 4 Quartiers populaires de la fin du 19^e siècle



(19^e carte do capítulo "Espaços Urbanizados")

Espaces & Civilisations - Classe de 4^e. V. Prevot e F. Lebrun - Librairie Classique Eugene Belin - Paris - 1980.

17 A GRANDE GUERRA



Entrada das tropas alemãs em Amiens, 1914.

O início do século XX foi marcado por grandes tensões entre os países industrializados. Essas tensões, cujas origens remontam ao ano de 1870, com a unificação da Alemanha, tiveram como consequência principal o eclodir da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

As principais causas dessa guerra foram:

- **Imperialismo econômico:** como a Inglaterra foi o primeiro país a se industrializar, ela dominava a maioria dos mercados consumidores mundiais. Logo após a unificação, a Alemanha entrou em grande desenvolvimento industrial e passou a disputar os mercados ingleses. Para aumentar o seu processo de industrialização, a Alemanha pretendia construir uma estrada de ferro ligando Berlim a Bagdá, com a finalidade de transportar o petróleo do golfo Pérsico. Naturalmente, a Inglaterra se opôs à construção dessa estrada;
- **política de alianças:** logo após a sua unificação, a Alemanha, temendo a possibilidade de uma revanche francesa, aliou-se ao Império austro-húngaro e à Itália, constituindo, assim, a **Tríplice Aliança**. Em reação, formou-se a **Tríplice Entente** (1907), constituída pela Inglaterra, França e Rússia;
- **paz armada:** esperando uma possível guerra, as nações industrializadas passaram a aumentar a produção de materiais bélicos;

- **revanchismo francês:** com a derrota na guerra franco-prussiana, a França havia perdido para a Alemanha as regiões de Alsácia-Lorena e estava tentando recuperá-las;
- **crise dos Balcãs:** em 1908, a Áustria anexou duas regiões dos Balcãs: Bósnia e Herzegovina. A Sérvia, outro Estado da região, queria unificar a Iugoslávia e, para tanto, contava com o apoio russo.

O ESTOPIM DA GUERRA

Em 28 de junho de 1914, quando estava em visita à cidade de Sarajevo, na Bósnia, o príncipe herdeiro da Áustria, Francisco Ferdinando, foi assassinado por um estudante nacionalista.

Um mês depois, o imperador da Áustria, Francisco José, declarou guerra à Sérvia e logo depois à Rússia e à França. Estava iniciada a Primeira Guerra Mundial.

OS ANOS DE GUERRA

Até 1916, o resultado da guerra era bastante indeciso pois nenhum dos dois lados havia obtido vitórias decisivas.

Houve, entretanto, mudanças políticas importantes. A Turquia, visando obter vantagens territoriais (Críméia), passou a apoiar a Tríplice Aliança. Em compensação, a Itália entrou na guerra ao lado da Entente, porque esta lhe prometera o recebimento de algumas colônias alemãs quando o conflito terminasse. Essa promessa, contudo, não foi cumprida.

O ano mais importante da guerra foi o de 1917. Submarinos alemães passaram a atacar



Assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando e de sua esposa.

navios mercantes americanos. Esse fato levou os Estados Unidos a declararem guerra à Alemanha. Logo depois, vários países declararam guerra à Tríplice Aliança, entre eles o Brasil.

Devido à sua Revolução Socialista de 1917, que derrubou a monarquia, a Rússia abandonou o conflito. Em março de 1918 foi assinada a paz de Brest-Litovsk, confirmando essa retirada.

Depois de várias vitórias dos aliados, em 1918 a Alemanha, derrotada, firmou o armistício, no vagão de Compiègne (11 de novembro de 1918).



Carros de combate franceses, durante a Primeira Guerra Mundial.

OS TRATADOS DE PAZ

Em 1919, reuniu-se em Versalhes a Conferência de Paz, liderada pelos representantes dos países vencedores: Woodrow Wilson, presidente dos Estados Unidos, Lloyd George, representante da Inglaterra, e Clemenceau, representando a França.

O Tratado de Versalhes, por eles elaborado, tinha por finalidade principal impedir que a Alemanha voltasse a ser uma grande potência. As regiões de Alsácia-Lorena voltaram a ser territórios franceses; o exército alemão foi reduzido e a Alemanha não poderia ter indústria bélica.



Desfile da Vitória, nos Campos Elíseos na França, a 14 de julho de 1919. ▶

Além disso, a Alemanha teria que pagar uma vultosa indenização de guerra, correspondente a 132 bilhões de marcos-ouro.

O Tratado de Saint-Germain, imposto à Áustria, fez com que seu império fosse desmembrado. Com isso, novos países surgiram na Europa: Hungria, Tchecoslováquia e outros.

LEIA!



Nos fins de abril de 1919 estavam prontos para ser submetidos ao inimigo os termos do Tratado de Versalhes e a Alemanha recebeu ordem de enviar seus delegados para ouvi-los. A 29 desse mês, uma delegação chefiada pelo Conde von Brockdorff-Rantzau, ministro do Exterior do governo republicano provisório, chegou a Versalhes e foi encarcerada sem tardança num hotel, sendo virtualmente tratada como prisioneira. Uma semana depois, os membros da delegação tiveram ordem de comparecer perante os representantes dos aliados, a fim de conhecerem a sentença imposta à sua nação. Como von Brockdorff-Rantzau protestasse dizendo que os termos eram duros demais, informou-o Clemenceau de que a Alemanha teria exatamente três semanas para resolver se assinaria ou não. Entretanto, foi preciso prolongar o prazo, pois os chefes do governo alemão preferiram demitir-se a aceitar o Tratado. Sua atitude foi resumida pelo chanceler Philip Scheidemann numa frase incisiva: "Quil a mão que não seccaria depois de tentar prender a si mesma e a nós nestes grilhões?" Os três Grandes fizeram então alguns arranjos subsidiários, principalmente a instância de Lloyd George, e a Alemanha foi notificada de que às sete horas da tarde de 23 de junho proceder-se-ia à invasão do país se este não tivesse aceito o Tratado. Pouco depois das cinco horas, um novo governo provisório anunciou que se rendia ante a "força esmagadora" e acedia aos termos dos vencedores. Em 28 de junho, quinto aniversário do assassinio do arquiduque Francisco Ferdinando, representantes do governo alemão e dos aliados reuniram-se no Salão dos Espelhos do Palácio de Versalhes e apuseram suas assinaturas ao Tratado.

(Edward McNall Burns — "História da Civilização Ocidental")

SURGE A NOVA POTÊNCIA

Com o término da Primeira Grande Guerra, os Estados Unidos surgiram como grande potência mundial. Além de terem sido um dos vencedores militares, foram também os grandes vencedores no campo econômico.

Durante os anos do conflito, a França e a Inglaterra ficaram com suas balanças comerciais deficitárias em relação ao país americano.

Outra consequência da guerra foi a crise econômica que surgiu em vários países, entre eles a Alemanha e a Itália, o que veio a favorecer, em muito, o surgimento de regimes totalitários, como o fascismo de Mussolini e o nazismo de Hitler.



Woodrow Wilson, presidente dos Estados Unidos idealizador da Liga das Nações ▽



Vista parcial do Palácio da Sociedade das Nações, em Genebra.

A LIGA DAS NAÇÕES

Por proposta de Wilson, presidente norte-americano, foi criada em 1919 a **Liga das Nações**, com sede na cidade de Genebra, cuja finalidade era manter a paz mundial.

A Liga das Nações fracassou como órgão mantenedor da paz porque:

- faltava-lhe poder coercitivo contra os países agressores;
- havia conflitos de interesses entre os países participantes da Liga

História Geral - Moderna e Contemporânea-8ª série. Marlene Ordoñez e 159

Antonio Luiz de Carvalho e Silva - S.Paulo - Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas - IBEP - 1980.

La première guerre mondiale (1914-1918)

19

La guerre qui a éclaté en 1914 a d'abord été européenne ; elle opposait au départ, la Triple Entente (France, Angleterre, Russie) venue au secours de la Serbie et de la Belgique envahie, à l'Allemagne et à l'Autriche-Hongrie. Elle est devenue mondiale avec l'intervention des États-Unis en 1917.

Tous les belligérants sont entrés dans le conflit, persuadés de leur bon droit (doc. 1) et avec l'illusion que la guerre serait courte. Les Allemands comptaient triompher rapidement de la France (doc. 3), pour se retourner ensuite contre la Russie. Mais la victoire de la Marne (septembre 1914) ruina leur plan. La guerre changea alors de caractère : elle devint une guerre de positions, où les armées, abritées dans des tranchées (doc. 5) résistaient à tous les assauts. Toutes les tentatives pour percer le front et reprendre la guerre de mouvement échouèrent, celles des Allemands à Verdun en 1916 (doc. 6) comme celles des alliés (doc. 7). La guerre était devenue une guerre d'usure, où chaque pays engageait non seulement ses forces militaires (doc. 10), mais ses forces économiques, financières (doc. 9), morales (doc. 8). Sans connaître les mêmes horreurs et les mêmes souffrances que les combattants du front, l'intérieur n'était pas épargné (doc. 15) : c'était une guerre totale.

Ne pouvant obtenir la décision sur le front occidental, chacun des deux camps s'efforça de se gagner des alliés et de trouver un terrain de lutte qui lui soit plus favorable. La Turquie en 1914 et la Bulgarie en 1915 entrèrent dans la guerre aux côtés de l'Allemagne et de l'Autriche-Hongrie. L'Italie en 1915 et la Roumanie en 1916 rallièrent le camp des Alliés. Jusqu'à la fin de 1916, le front russe connut de larges fluctuations, qui ne furent pas décisives. En 1915, les Alliés s'efforcèrent vainement de porter la guerre en Turquie (expédition des Dardanelles) et en Grèce (débarquement à Salonique). Les Allemands espèrent obtenir la décision en 1917 par la guerre sous-marine, qui devait priver l'Angle-

terre de son ravitaillement en vivres et en matières premières. Mais les Alliés trouvèrent une parade efficace (doc. 11).

L'année 1917 fut particulièrement dramatique. Les États-Unis entrèrent dans la guerre aux côtés des Alliés, au nom de la liberté des mers (doc. 18). Mais ils n'avaient pas d'armée, et leur aide ne devint importante qu'en 1918. Entre temps, la Russie était sortie de la guerre. Le régime tsariste était trop médiocre et trop impopulaire pour contraindre le peuple à supporter longtemps ce dur effort. Une révolution avait renversé le tsar en mars 1917. Une république libérale avait d'abord tenté de s'établir et de rester fidèle à ses alliances (doc. 12) ; mais, en octobre, elle avait été renversée à son tour par une révolution qui avait donné le pouvoir au parti communiste (bolchevik), dirigé par Lénine (doc. 13). En mars 1918, la Russie avait capitulé devant l'Allemagne par le traité de Brest-Litovsk.

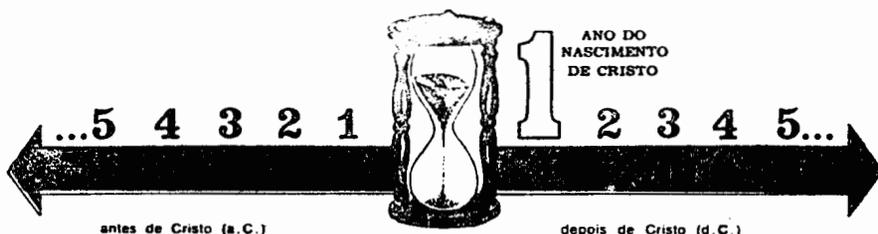
L'Allemagne s'efforça alors d'obtenir la décision à l'ouest, avant l'entrée en jeu des forces américaines. Elle manqua de peu y réussir, par une série d'offensives, menées de mars à juillet 1918. Les Alliés ne résistèrent que grâce à l'organisation d'un commandement unique, donné au général Foch. En juillet, la situation se retourna de façon spectaculaire. A bout de forces, épuisées par le blocus allié, menacées de révolution à l'intérieur, l'Allemagne et ses alliés furent obligées d'évacuer les territoires qu'elles avaient envahis. Le front s'écroula de toutes parts. A partir de la fin septembre, les Alliés vainqueurs imposèrent à leurs ennemis des armistices qui devaient préparer le rétablissement de la paix ; l'armistice avec l'Allemagne fut signé le 11 novembre (doc. 16).

Cette guerre a épuisé toute l'Europe (doc. 17) ; elle a largement contribué à lui faire perdre la suprématie qu'elle avait exercée jusque-là sur le reste du monde.

- 179

APRENDA A CONTAR O TEMPO

Hoje, a maioria dos povos adota como ponto de referência para a contagem do tempo o nascimento de Cristo. A numeração dos anos assim obtida chama-se **calendário cristão**.



O ano 1 significa o ano de nascimento de Cristo. A partir dele começa a contagem: anos 2, 3, 4, 5, 6, etc., até o ano em que estamos hoje. Se tomarmos como exemplo o ano de 1970 ficaremos sabendo que faz um mil, novecentos e setenta anos que Cristo nasceu.

Os anos anteriores ao nascimento de Cristo são contados para trás. Por exemplo: 525 a.C. significa quinhentos e vinte e cinco anos antes do nascimento de Cristo. Nessas datas, como você pode perceber pelo exemplo, devemos usar a abreviatura a.C. (a. quer dizer antes, C. quer dizer Cristo).

É importante conhecer também a contagem dos séculos. Não esqueça: **um século é igual a cem anos**. Portanto, se partirmos do ano 1, teremos até o ano 100 o século I; do ano 101 até o 200, o século II, e assim por diante.

Veja alguns exemplos:

- 731, século VIII;
- 1534, século XVI;
- 1789, século XVIII;
- 1977, século XX.

É importante notar que os séculos se iniciam nos anos começados com a dezena 01 e terminam com a dezena 00.

(2ª parte do capítulo Descobrimos o Passado.)

História do Brasil 5ª série - Marlene Ordóñez e Antonio Luiz de Carvalho e Silva - Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas-IBEP-São Paulo - s.d.

21. En remontant le temps

Les choses se compliquent du fait que les peuples n'utilisent pas tous le même point zéro. Les Romains comptaient les années - à partir de la fondation de la Ville - (Rome) : ainsi, dans le calendrier romain, Jésus est né en 753 après la fondation de Rome. Pour les Musulmans, le zéro chronologique correspond à la fuite du prophète Mahomet de la ville de La Mecque, en l'an 622 apr. J.-C. de notre calendrier : cet événement, « l'Hégire » (la fuite), a donné son nom à l'ère musulmane. Pour des raisons de commodité, les historiens comptent les années par centaines (les siècles) ou par milliers (les millénaires). La numérotation des siècles ou des millénaires obéit aux mêmes règles que celle des dates. Ainsi, le 1^{er} siècle après J.-C. commence le 1^{er} jour de l'an 1 et se termine le dernier jour de l'an 99. Mais attention ! Le 1^{er} siècle avant J.-C. commence en 100 avant J.-C. et se termine le dernier jour de l'an 1 avant J.-C.

Car si l'on peut numérotter les dates et les siècles en remontant le temps avant le zéro chronologique, il ne faut pas oublier que la vie, elle, se déroule à sens unique, du passé vers le futur.

Le temps vécu

C'est au sein d'une famille qu'on peut le mieux saisir la notion du temps passé. Considérez l'arbre généalogique de la famille Boulanger, c'est-à-dire les ramifications de cette famille à partir du grand-père Paul. Les différents personnages s'y superposent en

ARBRE GÉNÉALOGIQUE



étages successifs, séparés par un espace de temps d'environ 30 ans qu'on appelle une génération. Vous voyez que si le grand-père Paul est né avec le siècle, on peut prévoir que les enfants de Jacques, Agnès, Jacqueline, René et Bernard naîtront, eux, à l'aube du siècle suivant. Il faut donc compter à peu près trois générations par siècle. Les événements survenus pendant tout ce temps sont directement vécus, racontés et transmis dans cette famille par des témoins vivants : ces événements constituent un « passé récent ».

Les temps historiques

Quand on remonte le temps, les témoins vivants disparaissent ; mais les témoignages des générations successives demeurent sous la forme de monuments et de statues, d'inscriptions et de textes écrits qui nous permettent de connaître et de dater les événements d'un passé de plus en plus lointain : ce sont les temps historiques, qui sont les temps de l'écriture ; ils recouvrent environ 6000 ans.

MAGAZINE MAGAZINE MA

106

(introdução do capítulo)
Espaces & Civilisations - classe de 6^e. V. Prevot e F. Lebrun - Librairie
Classique Eugene Belin - Paris - 1977.